

Biblioteca Vida e Missão

BÍBLIA

- nº 1 - Instrumento para o estudo da Bíblia

CELEBRAÇÕES

- nº 1 - Natal, cantos e contos

DOCUMENTOS

- nº 1 - Plano para Vida e Missão da Igreja
nº 2 - Carta Pastoral — Eleições 1994
nº 3 - Relatório do Colégio Episcopal
nº 4 - Plano Nacional: Ênfases e Diretrizes & Mensagem da Igreja Metodista à Nação Brasileira
nº 5 - Carta Pastoral — Eleições 1998
nº 6 - Carta Pastoral — Manual de Disciplina
nº 7 - Carta Pastoral — Código de Ética Pastoral
nº 8 - Carta Pastoral — Dízimo
nº 9 - Diretrizes Pastorais — Ação Missionária Indigenista

METODISMO

- nº 1 - As marcas básicas da identidade metodista
nº 2 - Missão, organização e agentes do metodismo

MINISTÉRIOS

- nº 1 - Os juvenis / Descobrimos um grupo de jovens
nº 2 - AIDS: Desafio pastoral e solidariedade
nº 3 - Estive preso e foste ver-me
(manual prático para o ministério cristão carcerário)
nº 4 - Afetividade e Sexualidade

PASTORAIS

- nº 1 - Carta Pastoral sobre o Batismo
nº 2 - Carta Pastoral sobre a Ceia do Senhor
nº 3 - Carta Pastoral sobre Sexualidade

Cod.: 00602
Diretrizes pastorais p/ ação
indigenista

BIBLIOTECA VIDA E MISSÃO

BÍBLIA
METODISMO
PASTORAIS
CELEBRAÇÕES
MINISTÉRIOS
DOCUMENTOS

Diretrizes Pastorais para a Ação Missionária Indigenista

IGREJA METODISTA
COLÉGIO EPISCOPAL

**Diretrizes Pastorais
para a
Ação Missionária Indigenista**



DOCUMENTOS – Nº 9
1999

Diretrizes Pastorais
Para a Ação Missionária Indigenista

Biblioteca Vida e Missão
Documentos nº 9, 1999

COLÉGIO EPISCOPAL
Paulo Tarso de Oliveira Lockmann
David Ponciano Dias
João Carlos Lopes
Adolfo Evaristo de Souza
Adriel de Souza Maia
João Alves de Oliveira Filho
Josué Adam Lazier
Rozalino Domingos

COORDENAÇÃO NACIONAL DE AÇÃO SOCIAL
Lúcia Leiga de Oliveira

EDITOR NACIONAL
Odilon Massolar Chaves

SEDE NACIONAL DA IGREJA METODISTA
Avenida Liberdade, 655 - sobreloja - Liberdade
01503-001 - São Paulo, SP
E-mail: sede.nacional@metodista.org.br



Produzido pela *Editora Cedro*
Sob licença da Imprensa Metodista

ASSISTENTE EDITORIAL / REVISORA
Júlia Torres

DIAGRAMADORA
Ingrid Velasques Kern

CAPA
Adipe M. Neto

Rua França Pinto, 221- Vila Mariana
04016-031 - São Paulo - SP
Telefax: (11) 539-5208 - 539-6951

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: COPY SERVICE IND. GRÁF. LTDA. - TEL: (11) 215-5800

Sumário

Apresentação	5
Histórico	7
Diretrizes	13
Sugestões	21
Anexo	23

Apresentação

A Palavra de Deus orienta, sensibiliza e fortalece a nossa caminhada de fé. Nela encontramos as orientações que, muitas vezes, escapam da nossa própria consciência. Somente através de uma leitura contextualizada, encontraremos as respostas que procuramos.

A cada dia que passa somos confrontados com situações que exigem de nós uma fé genuína e verdadeira e, para tanto, torna-se necessário estarmos preparados para colocarmos na prática esta fé que temos depositada em Deus.

Hoje somos uma Igreja ministerial onde os desafios sinalizam compromissos envolvendo a prática missionária, doutrinária e social. Neste sentido, e tendo como base a expressão de Gálatas 3.28 - *“Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo, nem liberto; nem homem, nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”* -, a Igreja Metodista tem sinalizado a sua presença entre os povos indígenas.

Para nos auxiliar e nos acompanhar nesta caminhada, apresentamos as Diretrizes Pastorais para a Ação Missionária Indigenista que terá como finalidade orientar a todos/as aqueles/as que têm sido desafiados/as a batalhar pela causa indígena. Lembramos que, se temos os nossos direitos, os/as nossos/as irmãos/ãs indígenas também os têm e, por esse moti-

vo, a Igreja Metodista, através de seus missionários, tem batalhado por esta causa.

Que a Graça de Deus nos auxilie neste Ministério e que a nossa participação receba os auspícios do amor de Deus.

João Alves de Oliveira Filho

Bispo representante junto ao GTI

DIRETRIZES PASTORAIS

Para a Ação Missionária Indigenista

HISTÓRICO

Os primeiros contatos do Metodismo com os povos indígenas na América datam aproximadamente do ano de 1735. “João Wesley foi missionário entre os índios na Geórgia, na América do Norte. Ele não ficou lá muito tempo e não consta que ele tenha convertido nenhum índio lá” (cit. REILY, Duncan A.). Em 1787, já na Inglaterra, ele manifestou, através de uma carta escrita a Francis Asbury, a sua preocupação para com os índios das Américas, devido ao “fato desconcertante de que talvez não tivessem sobrevivido nem 1% desses índios com a negligência evangelística entre os mesmos” (REILY, Duncan A. *Uma pequena história de contatos evangélicos...*).

A sensibilidade de João Wesley nos desafia a uma atitude de maior compromisso e solidariedade com os povos indígenas, reafirmando nossas raízes evangélicas que nos impulsionaram a ir ao encontro do outro, para com ele caminhar, sonhar e construir um futuro possível, frente a tudo que significa destruição, descrença e descrédito para com esses povos.

No Brasil o Metodismo chegou em 1836, entretanto, fixou-se aqui somente a partir de 1867.

O ministério entre os povos indígenas deu-se posteriormente, mesmo porque o começo da missão Metodista no Brasil aconteceu em espaços onde não havia o contato direto e/ou cotidiano com os povos indígenas.

Nossa história, que testemunha ações concretas e vivências junto aos povos indígenas, pode ser dividida nas seguintes fases:

1ª Fase

Em 1928 foi organizada a “Associação de Catequese”, que se denominou Missão Kaiowá, com o respaldo da Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Metodista.

Para este fim foram liberados, pela Igreja Presbiteriana do Brasil, um pastor e uma educadora; pela Igreja Presbiteriana Independente, um agrônomo; e pela Igreja Metodista, o médico Nelson Araújo e o técnico agrícola Francisco Brianezi, que mais tarde trabalhou como auxiliar de enfermagem e posteriormente tornou-se pastor da Igreja Metodista.

A atuação do Dr. Nelson Araújo só foi possível pela contribuição da Federação Metodista de Mulheres, porque sua proposta de serviço não foi prioridade no orçamento da Igreja.

Em 1946 a Igreja Metodista se retirou oficialmente da Missão.

2ª Fase

Em 1971 o pastor Scilla Franco foi enviado a Dourados, MS, para trabalhar com a igreja local e dirigir um Plano Piloto da Igreja Metodista, de apoio e acompanhamento a pequenos agricultores.

Em 1972 foi reiniciado o trabalho entre os indígenas, com os recursos finais deste Plano Piloto. A Igreja Metodista comprometeu-se a não fazer proselitismo entre os índios e a buscar uma conversão da própria Igreja para a causa indígena.

Através do exemplo e da pregação do pastor Scilla, houve um despertar de lideranças da Igreja Metodista para a solidariedade com as lutas dos povos indígenas.

Foi criada na Sede Geral da Igreja uma equipe de apoio (pastores Francisco Antonio Correia, Sérgio Marcus Pinto Lopes, Thimóteo Campos dos Santos e a professora Lídia dos Santos) que foi a precursora do GTI - Grupo de Trabalho Indigenista. Neste grupo iniciou-se a preocupação com uma pastoral específica para tratar da causa indígena.

3ª Fase

Em 1977 o pastor Scilla, por motivos de saúde, foi substituído pelo agrônomo Áureo Brianezi. Procurou-se, nesta época, o intercâmbio ecumênico, através da criação, com missionários de Igrejas-irmãs, do

GTME (Grupo de Trabalho Missionário Evangélico - em solidariedade com os povos indígenas).

A partir daí a Igreja começou a assumir o Plano Piloto como "Missão Tapeporã". O projeto se identificou como de apoio agrícola e se desdobrou em vários subprojetos, aumentando sua área de atuação.

Iniciou-se uma integração com outros trabalhos regionais ligados à questão indígena (Conselho Indigenista Missionário, Projeto Kaiowá-Nhandeva, Missão Kaiowá e Universidade do Mato Grosso do Sul).

4ª Fase

Em 1983, o Conselho Geral transformou a Equipe de Apoio da Missão Tapeporã no Grupo de Trabalho Indigenista (GTI), baseado na percepção de que era preciso existir na Área Geral da Igreja um grupo de pessoas que se envolvesse mais diretamente com a questão indígena.

Antes mesmo de se ver transformada em GTI, a Equipe de Apoio à Missão Tapeporã elaborou e apresentou ao Conselho Geral uma proposta para a definição de uma política indigenista que lhe desse - e a quaisquer outros projetos que a Igreja viesse a estabelecer entre os índios - as diretrizes para o trato das grandes questões que estão embutidas nessa problemática: a exploração econômica dos índios, o preconceito racial, a perda dos territórios imemorialmente

ocupados, a destruição da cultura, o assassinato de indígenas, os abusos sexuais aos indígenas, as linhas para o diálogo inter-religioso e o papel da missão metodista entre os índios, etc.

No mesmo ano o Colégio Episcopal aprovou o documento "Bases para uma Política Indigenista da Igreja Metodista" e o agrônomo Áureo Brianezi foi substituído pelo casal de pastores Paulo Silva e Maria Imaculada Costa - *na Missão Tapeporã*.

5ª Fase

A partir de 1992 começou a reunir-se um grupo mais amplo de pessoas e verificou-se que ações de serviço e solidariedade já vinham se expandindo para vários povos indígenas do Brasil. Desta forma alcançou-se os povos Macuxi (RR), Krenak (MG), Guarani Mbwa (ES), Tapeba (CE), Pataxó (MG), Kaingang (RS), Guarani-Kaiowá, Terena e Guarani-Nãndeva (MS), Kiriri (BA) e Kanamari (AM).

Em 1993 este grupo reelaborou estas Diretrizes sendo aprovadas pelo Colégio Episcopal.

Diretrizes

A Igreja Metodista, buscando orientar o trabalho junto aos povos indígenas e considerando a necessidade de conversão de si mesma para a causa indígena, estabelece as seguintes diretrizes:

1. A posse de terra

A terra é garantia da alimentação, da saúde, da alegria, da celebração, da memória das lutas de resistência e da esperança dos povos indígenas. Lutar pela terra é lutar pela vida pessoal e comunitária e por um futuro com dignidade.

Nas últimas décadas, os detentores do poder econômico e político investiram na desarticulação dos povos indígenas, no sentido de dominá-los e desapropriá-los de seus direitos, assim como se negam a demarcar e a garantir o pleno usufruto das terras.

A Igreja Metodista, buscando ser testemunha de Deus, Senhor da Vida, compromete-se a:

- apoiar a luta pela posse definitiva das terras que, por direito, são legítima herança dos povos indígenas;
- denunciar e condenar qualquer invasão ou tentativa de invasão a essas terras;
- respeitar o direito dos povos indígenas às suas terras, incluindo o subsolo, o ar, as águas e todos os recursos naturais dela provenientes.

2. Os direitos dos povos indígenas

A Igreja Metodista reconhece que a América, antes da chegada dos europeus, foi espaço de desenvolvimento de diversas civilizações, sofrendo, depois, um dos mais sangrentos processos de conquista da história, que causou genocídio de muitos povos e a destruição de muitas culturas; tudo isso com a omissão, legitimação e participação de Igrejas Cristãs.

Não podem os metodistas, no entanto, herdeiros da tradição de João e Carlos Wesley, deixar de erguer a voz de protesto, veementemente, contra as brutais violações dos direitos dos povos indígenas, de forma direta ou indireta, no passado e agora.

A Igreja Metodista em seus diversos níveis de organização (local, distrital, regional e geral) estará sempre atenta a todas e quaisquer formas de desrespeito destes direitos, *incluindo os garantidos na Constituição Brasileira*, enfatizando os seguintes:

- a posse da terra;
- a autodeterminação e *autogestão*;
- direito de acesso aos serviços de saúde, incluindo o reconhecimento e respeito à medicina tradicional;
- direito à educação escolar *diferenciada e específica* a cada cultura;
- a liberdade e a segurança pessoais e a livre expressão religiosa e cultural.

3. A autodeterminação dos povos indígenas

A Igreja Metodista reconhece que cada povo é sujeito e protagonista da própria história. Por isso todas as missões e todos os espaços de solidariedade assumidos pela Igreja têm o propósito de fortalecer os princípios de autodeterminação que os povos indígenas projetam e constroem historicamente (por exemplo: organização sócio-política, leis próprias, criação e educação dos filhos, identidade cultural e espiritual, *movimentos de articulação e desenvolvimento*).

4. Uma pastoral de convivência

A Igreja Metodista, desde seus pioneiros João e Carlos Wesley, tem sido chamada a aprender com os índios em diálogo e respeito, e a servi-los em humildade e solidariedade, no espírito de amor de Jesus Cristo e afirma sua responsabilidade cristã pelo bem-estar integral, expressa nas escrituras do Antigo e Novo Testamentos.

Portanto a Igreja entende que:

- A) “A evangelização, como parte da Missão, é encarnar o amor divino, nas formas mais diversas da realidade humana, para que Jesus Cristo seja confessado como Senhor, Salvador, Libertador e Reconciliador. A evangelização sinaliza e comunica o amor de Deus na vida humana e na sociedade

através da adoração, proclamação, testemunho e serviço.” (Cânones da Igreja Metodista - Plano para a Vida e a Missão - p.87)

- B) A pastoral de convivência pressupõe o estar presente *com a* comunidade indígena, participando na vida cotidiana, aprendendo, descobrindo e *tornando-se parceira com cada povo, na defesa da vida*. “Isto inclui conhecer a maneira como as pessoas se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isto pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante.” (Cânones da Igreja Metodista - Plano para a Vida e a Missão - pp.69/92)
- C) O Evangelho só constitui boas novas para os povos indígenas *à medida que os ajuda* a fortalecer as suas próprias culturas, a refazer os seus direitos sobre a terra e a recobrar a dignidade que os filhos e as filhas de Deus possuem. “Há a necessidade de apoiar as iniciativas que preservem e valorizem a vida humana.” (Cânones da Igreja Metodista - Plano para a Vida e a Missão - p.14)

5. Ecumenismo prático

“A busca e vivência da unidade da Igreja, como parte da Missão, não é optativa, mas uma das expressões históricas do Reino de Deus. Ela procede do Senhor Jesus e é realizada por meio do Espírito Santo através da rica diversidade de dons, ministérios, serviços e estruturas que possibilitam aos cris-

tãos trabalharem em amor na construção do Reino de Deus até a sua concretização plena (Jo 10.17; 17.17-23; 1Co 1.10-13; 12.4-7; 12 e 13; Ef 4.36; Fp 2.10-11).” (Cânones da Igreja Metodista - Plano para a Vida e a Missão - pp.90/92)

Desde suas primeiras iniciativas missionárias entre os povos indígenas do Brasil, a Igreja Metodista caracterizou-se por um ecumenismo vivo e fraterno com outras Igrejas Cristãs e pelo respeito à tradição histórico-cultural e religiosa dos povos indígenas.

Por isso a Igreja Metodista reafirma que toda Missão Indigenista não é um fato isolado ou paralelo, mas é uma caminhada conjunta de forças solidárias, dentro e fora da Igreja, pressupondo assim:

- a articulação solidária dos diversos ministérios da Igreja (local, regional e geral);
- a ação conjunta das Igrejas Cristãs comprometidas com a causa indígena;
- a articulação entre as Igrejas, os movimentos e organizações populares de dentro e de fora das Igrejas, nacionais e do exterior, solidários aos povos indígenas.

“É somar esforços com outras pessoas e grupos que também trabalham na promoção da vida (Mc 9.38-41; At 10.28; 15.8-11).” (Cânones da Igreja Metodista - Plano para a Vida e a Missão - pp.70/92)

“Participação em organizações cristãs em nível nacional, continental e mundial, visando a uma ação profética comum.” (Cânones da Igreja Metodista - Plano para a Vida e a Missão - p.92)

6. A contribuição da Missão Indigenista à sociedade

A Igreja entende que trabalhar na missão de Deus é “trabalhar para o Senhor do Reino num mundo espremido pelas forças do pecado e da morte, participando, como comunidade, com dons e serviços para o nascer da vida (Jr 1.4-10; Fp 1.18-26; 3.10-11; 2Tm 1.10; 1Jo 3.14).” (Cânones da Igreja Metodista - Plano para a Vida e a Missão - p.70, item 1)

A Igreja Metodista vê com preocupação a destruição da biodiversidade e a fragilização da diversidade sócio-cultural dos povos indígenas, como intrinsecamente ligadas entre si.

A riqueza inigualável da biodiversidade de nosso país, que por milhares de anos serviu de fonte de alimento e garantia de vida a centenas de povos nativos, hoje não somente se desconhece seu valor, como está submetida a um processo sistemático e contínuo de depredação. A riqueza inigualável da sociodiversidade dos povos indígenas de nosso país manifesta em sistemas de vida, nos valores, na medicina, na alimentação, na arte e na música, na história, na organização do espaço, no lazer, nas convicções, nos idiomas, nos rituais de fé, do início da colonização até

nosso dias, não somente tem sido ignorada, mas também combatida até o extermínio.

Por tudo isso:

A Igreja assume o compromisso de organizar um esforço ministerial e os meios que dispõe para que a sociedade como um todo conheça, respeite, valorize e defenda a biodiversidade do ecossistema brasileiro e a diversidade sociocultural dos indígenas.

Reconhece que a defesa da biodiversidade é a defesa da vida e, como tal, um compromisso de todos os filhos e filhas do Deus da Vida, e que a riqueza incalculável de cada um dos povos é patrimônio da humanidade e lugar de onde a sabedoria do Espírito de Deus manifesta-se. Pois “o cultuar a Deus se completa no oferecimento da vida em atos de amor e justiça (Ef 6.10-20; Dt 6.4-9; Sl 15).” (Cânones da Igreja Metodista - Plano para a Vida e a Missão - p.15, item 1)

7. Conclusão

O Colégio Episcopal reconhece o grande desafio que a causa dos povos indígenas impõe, principalmente em restituir-lhes a dignidade de povos livres, possuidores de uma riqueza cultural singular, garantindo-lhes a posse e restituição da terra.

Sabendo ainda que é na Caminhada do Reino de Deus, espaço fraterno de justiça, onde todos nos encontramos e onde encontramos os valores que nos

movem a solidarizarmos com a causa indígena, desejamos, assim, que estas diretrizes aqui aprovadas sejam sinalizadoras do compromisso de uma **Igreja Comunidade Missionária a Serviço do Povo.**

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

Presidente do Colégio Episcopal

Bispo João Carlos Lopes

Secretário do Colégio Episcopal

Sugestões práticas para a Ação das Igrejas referentes às diretrizes pastorais para a ação missionária indigenista

1. Buscar informações sobre a situação atual dos povos indígenas do Brasil e refletir com a igreja.

Você sabia?

- Existem no Brasil 210 povos nativos.
- São faladas 186 línguas diferentes.
- Calcula-se que no ano de 1500 existiam 1000 povos diferentes habitando nosso território. Mais da metade foram extintos, sem deixar vestígios.

2. Ler com grupos de estudo da igreja o documento "Diretrizes para a Ação Missionária Indigenista".

3. Promover estudos bíblicos para ajudar a Igreja a desenvolver critérios de aceitação do outro, como "diferente-de-mim-mas-igual-a-mim".

Sugestões:

- Gn 16.1-15 e Gn 21.8-21 - a inclusão de Agar (mulher, escrava, estrangeira) no plano de salvação de Deus;
- Gn 25 a 33 - as divergências entre Esaú e seu irmão Jacó, lembrando que Jacó só se torna Israel, quando descobre no rosto de Esaú, seu irmão, o rosto de Deus;

- Ex 3 - o Deus que ouve o grito, desce para socorrer seu povo.
- 4. Fazer um levantamento da história da região onde está localizada sua igreja, buscando as raízes indígenas deste lugar.
- 5. Informar sobre possíveis comunidades indígenas que existam próximas de sua igreja.
- 6. Lembrar nas conversas, nas reflexões, que hoje os indígenas têm a cara desfigurada do servo sofredor (Is 53). Muitas vezes o índio é confundido com o mendigo, principalmente os índios que estão em contato com os centros urbanos. (Lembrar do índio Galdino Pataxó, assassinado por jovens, em Brasília).
- 7. Proporcionar aos/às jovens e juvenis uma caminhada em busca da inclusão do diferente (cor, costume, maneira de vestir, ser, pensar) respeitando seus direitos e estimulando gestos de solidariedade.
- Pode-se pensar em construir maquetes, usando diversos materiais (sucata, argila), representando uma aldeia indígena (lembrando que cada povo tem um jeito de organizar suas casas).
- Confeccionar cartazes com recortes e desenhos sobre o indígena brasileiro.
- Pesquisar sobre a atual situação do índio brasileiro, fazendo uma reflexão crítica sobre a mesma. (Sugestão: Revista "Nova Escola", ano XIV, nº 121)
- Criar e organizar em equipes pequenas peças teatrais sobre a vida e a luta dos povos indígenas do Brasil.

Anexo

A Igreja Metodista, Os Povos Indígenas e os 500 anos

CARTA ABERTA*

A Todo o Povo Metodista

Reunidos durante a 41ª Semana Wesleyana, no mês de maio de 1992, na Faculdade de Teologia, refletimos durante quatro dias sobre o tema "*A Igreja Metodista dos 500 anos. Repensando a Evangelização junto aos Povos Indígenas*", e constatamos:

- que nós, da Igreja Metodista, devemos, em todas as nossas comunidades, reconhecer que a América, descoberta pelos povos indígenas que aqui chegaram antes do europeu, sofreu um dos mais sangrentos processos de conquista da história, causando genocídio entre os povos indígenas e a destruição de suas culturas;
- que a Igreja Metodista, em várias partes das Américas, foi cúmplice e co-participante, através de seus membros, nesse processo de destruição das nações indígenas;
- que, conseqüentemente, devemos buscar, em ato de confissão e arrependimento, o perdão de Deus para uma dívida tão imensa.

Reconhecemos também que, como Igreja Metodista, desde seus pioneiros João e Carlos Wesley, temos sido chamados a aprender com os índios em diálogo e respeito, e a servi-los em humildade e solidariedade, no espírito do amor de Jesus Cristo;

- que hoje, através de suas frentes de serviço com os Kaiowá, com os Makuxi, com os Krenak, com os Tupinikim, com os Guarani, com os Tapeba, com os Pataxó, a Igreja Metodista, no Brasil, procura viver o Evangelho solidariamente, através da Pastoral de convivência e do diálogo, respeitando a autonomia de cada povo e sua cultura;
- que as Boas-Novas do Evangelho só têm sentido para os povos indígenas se ajudar a reconstruir as suas próprias culturas, a refazer os seus direitos sobre a terra e a recobrar a dignidade que os filhos e filhas de Deus possuem.

Nesse evento, pela primeira vez, pudemos reunir os metodistas que estão trabalhando diretamente com povos indígenas em diferentes partes do país. Sentimos que a Igreja Metodista, como comunidade missionária a serviço do povo, está sendo chamada a assumir mais plenamente essa vocação. Para isso, necessitamos do apoio decidido e constante das comunidades metodistas às causas indígenas e aos missionários que atuam nessa área.

Preocupa-nos hoje o aumento da violência e a impunidade reinante em relação aos crimes cometidos contra as comunidades e lideranças indígenas.

Preocupa-nos hoje o terrível empobrecimento dos muitos povos indígenas - entre os quais aqueles que buscamos servir - que, oprimidos pelas necessidades, vêm com desânimo o futuro, temendo pela própria sobrevivência.

Preocupa-nos hoje a demora e a demagogia que o governo tem revelado na questão da demarcação das terras indígenas.

Preocupa-nos hoje a seqüência de suicídios entre os Kaiowá, especialmente entre os jovens.

Solicitamos, portanto, às igrejas metodistas que se manifestem por carta ao Congresso Nacional, onde está sendo discutido atualmente o Novo Estatuto do Índio, no sentido de que as reivindicações indígenas sejam ouvidas e os seus direitos e interesses efetivamente respeitados e atendidos, tanto pela Comissão que prepara o Anteprojeto, bem como pelos demais parlamentares.

A Igreja Metodista tem no saudoso Bispo Scilla Franco, um exemplo para a sua vocação missionária entre os povos indígenas, mas nem sempre tem dado a atenção que esse chamado requer. Por isso, conclamamos a todos os metodistas a expressarem concretamente a sua solidariedade - na oração, no estudo e no reconhecimento das causas indígenas, nos concílios, na ação política junto aos órgãos governamentais, e no apoio aos missionários, nomeados ou não, que estão buscando servir e ouvir os nossos irmãos e irmãs indígenas. De nossa parte, re-

afirmamos o nosso compromisso de nos envolvermos mais intensamente na missão da Igreja Metodista junto aos povos indígenas.

Em Cristo,

*Participantes da Semana Wesleyana de 1992
São Bernardo do Campo, 22 de maio de 1992
Igreja Metodista - Comunidade Missionária a Serviço
do Povo*

* Os 500 anos de Brasil estarão sendo lembrados no ano 2000. Daí a atualidade desta carta escrita em 1992 quando se refletia sobre os 500 anos da invasão hispana na América iniciada por Cristóvão Colombo.